



Quando as estatísticas batem à porta da nossa casa...

Diogo Joel Demarco

O Brasil passa por um acelerado processo de mudanças, sobretudo na última década, em suas dimensões sociais, econômicas e políticas. Dentre estas mudanças, uma das mais acentuadas é que pode ser vista no perfil demográfico da população brasileira, como apontam os dados do IBGE. Há um acelerado processo de envelhecimento da população, influenciado pela redução da taxa de fecundidade (estimativa do número médio de filhos que uma mulher teria até o fim de seu período reprodutivo ou o número médio de filhos por mulher em idade de procriar, ou seja, de 15 a 49 anos); pela redução da taxa de natalidade (o número de crianças que nascem anualmente por cada mil habitantes, numa determinada área); pela ampliação da expectativa de vida da população; pelo maior acesso ao sistema de saúde pública (SUS) e a medicamentos. A taxa de fecundidade no Brasil passou de 6,30 na década de 1960 – a década em que nasci – para 4,40 na década de 1980 e 1,86 em 2010, segundo dados do Censo Demográfico do IBGE (2010).

Para quem estuda os processos sociais e seus impactos sobre a esfera pública, estes dados não são novidade. Todavia, por vezes, eles saem das tabelas e planilhas dos estudos e adentram pela porta de nossas casas. De que forma? Quando nos damos conta de que somos uma família típica de classe média, composta do casal e um único filho (nascido em meados da primeira década do século XXI). Se relacionarmos a este perfil da composição familiar os impactos do intenso processo de migração e urbanização ocorrida no mesmo período, percebemos que este núcleo familiar vive distante do convívio dos avós, tios, primos e primas. Tal situação, invariavelmente, se traduz numa frequente pergunta: “Papai, vem brincar comigo?”

Pai de um garoto de sete anos, filho único, cheio de energia para brincar, sem a proximidade de primos e primas, e com as restrições que a vida urbana moderna impõe quanto a brincar com as amiguinhos na rua, inevitavelmente somos “convocados” a sentar no chão para brincar de carrinhos hotwheels, montar Lego, organizar o ataque ao Forte Apache e a dominar os incontáveis movimentos do controle dualshock do videogame, nos muitos jogos existentes.

E quão prazerosa é esta tarefa de brincar com o filho, imitar o som do mo-

tor dos carrinhos acelerando, o barulho do galopar dos cavalos da 7ª Cavalaria, vibrar pulando pela sala com o goloço que o centroavante do seu time fez no futebol do PS-3... Mesmo que seja apenas para desconcentrar o seu "adversário", que já ganha de você por 4 X 1. Por outro lado, nada prazerosa é a tarefa de convencer o garoto que é hora de ir dormir ou se de preparar para ir à escola e, antes disso, de recolher e organizar os brinquedos todos, já que, via de regra, sobra para você guardar tudo.

Partindo da importância do processo lúdico de brincar para o aprendizado e a formação dos valores nas crianças é que resolvemos inovar, lá em casa. Há uns cinco anos, assistindo a um programa infantil com ele, o Art Attack, aprendemos uma técnica de artesanato chamada papietagem – que consiste em aplicar uma mistura de cola e água em camadas de papel que, ao secarem adquirem rigidez semelhante à do papel machê – e começamos a construir pequenos imóveis – casas e prédios – para que ele pudesse "brincar de cidadinha", como ele diz. Passados esses anos – e três mudanças de endereço neste período – a "cidadinha" sobreviveu e cresceu. Hoje já conta com 68 construções que, espalhas sobre um tapete de EVA pelo chão rendem horas de brincadeira e o espanto e alegria dos amiguinhos quando vêm lá em casa para brincar. Afinal, é: "Uau... Ele tem uma cidade inteira", como dizem seus colegas. Desespero mesmo, só o da mamãe, ao ter que conseguir lugar para guardar a cidade toda....

Mas esta brincadeira mostrou-se muito interessante, e sob vários aspectos. Para mim, representa a possibilidade de reduzir o estresse do dia a dia com uma atividade artesanal – separar, montar, colar, pintar – algo que sempre curti, com a possibilidade de discutir valores muito importantes para a formação da personalidade de uma criança. O primeiro destes aprendizados é a importância do consumo consciente e de reciclarmos nosso lixo, já que toda a cidade é feita de material reciclado como caixas de papelão, caixas de remédios, plásticos de canetas e vasilhas, entre outros.

Ao montar a cidade e brincar com seus carrinhos, ele também aprende regras de trânsito, e que a coletividade necessita de regras de convívio que precisam ser respeitadas por todos. A cidade – depois de um tempo, batizada de Pedrolândia – tem uma prefeitura responsável por organizar os serviços, já que possui escola pública, hospital, delegacia de polícia e corpo de bombeiros. Tem coleta seletiva de lixo, com os caminhões de coleta levando o material para um centro de triagem e reciclagem e o lixo orgânico para um aterro sanitário, cujo trator de esteira da matchbox faz o papel de cobertura do aterro.

Na cidade tem aeroporto, porto, rodoviária e uma estação ferroviária, que, além de permitir a montagem do seu trenzinho, possibilita ensinamentos sobre mobilidade urbana, sobre a integração de diferentes modais de transporte para garantir esta mobilidade. A existência de uma igreja, um templo budista e uma mesquita ajudam a entender a diversidade cultural e o respeito à diversidade e ao sincretismo religioso. Construções como a Usina do Gasômetro e o Cais do Porto ensinam a importância da preservação do patrimônio cultural e arquitetônico de uma cidade. Apesar de existirem construções de diferentes padrões, não há a presença de mansões e favelas, pois a desigualdade social e de condições de vida é algo que não deve ser naturalizado na formação das nossas crianças. Em Pedrolândia, todos têm

direito a um padrão mínimo de dignidade e de condições de vida.

Enfim, é assim que, brincando, vamos ensinando e aprendendo valores éticos, morais e culturais que vão moldando as futuras gerações e fazendo coro com a máxima de que "não basta ser pai, tem que brincar".